# QUAIS OS SENTIDOS DE SER PEDAGOGO(A)?[1]

Flávia Kamila Malheiros Azevedo dos Santos
Universidade do Estado da Bahia, Guanambi, BA, Brasil
flaviakamila.malheiros@gmail.com

## Eixo 3: FORMAÇÃO E TRABALHO DE PROFESSORES(AS) PARA A EDUCAÇÃO INCLUSIVA, ÉTNICO-RACIAL, INTERCULTURAL, DECOLONIAL, ANTIRRACISTA, FEMINISTA E AMBIENTAL NO CONTEXTO DA AMÉRICA LATINA

Queridos(as) futuros(as) colegas de profissão e calouros(as) do curso de Pedagogia,

Espero que esta carta lhes encontre bem. Escrevo-a com a intenção de lhes dizer coisas que eu mesma gostaria de ter ouvido quando iniciei essa jornada. Sei que começamos com coisas que parecem não ter muito a ver com a docência ou com nossa área de atuação, para que conhecer Filosofia, Sociologia ou Artes? Parece não fazer muito sentido, e talvez vocês até pensem que não faz, talvez pensem que não foi para isso que começaram a cursar Pedagogia, mas educação é algo surpreendentemente mais complexo e maravilhoso do que aparenta ser, e espero poder contribuir um pouco para essa percepção.

Recentemente, finalizei meu terceiro estágio, garanto que nunca é como a gente espera, mas vou deixar que tirem suas próprias conclusões. Aqui, a alguns passos da graduação, estive me lembrando das etapas que passei e talvez alguns se identificarão nesse processo. Quando começamos a estudar os fundamentos da docência passamos a enxergar e querer apontar todos

[1]Esta Carta Pedagógica foi proposta como atividade avaliativa do componente curricular “Trabalho Docente nos Anos Iniciais do Ensino Fundamental” do curso de Pedagogia da Universidade do Estado da Bahia, *Campus* XII, mediado pela professora Anna Donato.

os “erros” que encontramos na educação e no mundo. Achamos que sabemos quase tudo e temos a missão de salvar todos os estudantes que pisarem em nossa sala de aula.

No primeiro e segundo estágios, comecei a desconfiar que aquilo que nos ensinam não funciona tanto assim, e que “com certeza só escreve aquilo quem não trabalha numa escola hoje”. Já ouviram aqeuela frase “na prática a teoria é outra”? Confesso que me peguei pensando isso mais vezes do que gostaria de admitir. Acredito que, nesse ponto, a gente aceita que não sabe tudo e descobre que na verdade não sabe quase nada. Mas não se preocupem, quem reconhece que não sabe ainda pode aprender, quem acha que sabe fica tão envolto em sua superficialidade que não sai do lugar, então, sempre pensem que podem aprender um pouco mais, é assim que avançamos.

Talvez haja um tempo para cada pessoa, mas em algum momento começamos a entender como relacionar as teorias que estudamos com o que vivenciamos na docência. Nesses momentos, as professoras de Estágio e Pesquisa, de fundamentos teórico-práticos e trabalhos docentes são como âncoras, pois a prática por si só não é suficiente para garantir o caráter profissional de nossa ação, mas a teoria que não é refletida pela aproximação da realidade é tão útil como um extintor vazio em um incêndio. Assim, é na apropriação da realidade, pensada e questionada à luz das teorias que surge nossa práxis (Pimenta, 2011).

Mas, mais do que aprender a dar aulas, estamos aqui para compreender a educação e o nosso papel diante dela. Levei alguns semestres para perceber que eu não estava me formando como professora e sim como pedagoga, e há uma grande diferença nisso. Todo pedagogo se forma professor, mas nem todo professor se forma pedagogo, e isso não é só porque somos responsáveis pela primeira etapa da educação formalizada, mas porque a história de nossa profissão está diretamente ligada a uma outra área que não à docência.

O curso de Pedagogia foi criado em 1939, como bacharelado, ao qual se agregava um ano de licenciatura para aqueles que quisessem lecionar em Escolas Normais. A Pedagogia volta-se “para a formação ampla de educadores, pensadores da educação, planejadores, pesquisadores, especialistas [...]” (Gatti, 2022, p. 40). Aqueles que desejavam ingressar na

docência eram formados pelas Escolas, Normais, cursos de Magistério, ou, a depender da situação, nem tinham formação específica. É somente em 2006 que o curso de Pedagogia passa ter obrigação legal de, entre outras várias funções, formar para a docência para a educação infantil e primeiros anos do ensino fundamental.

A grande questão é que, com tantas atribuições dadas ao pedagogo, tentam nos fazer esquecer que não somos somente professores, não estamos aqui apenas para aprender a ensinar. Somos pensadores e pesquisadores da educação, a prática pedagógica emerge não do simples fazer, mas da observação, da ação e da reflexão sobre a ação. E não são poucas as tentativas de tirarem de nós a criticidade e a especialidade de nossa profissão.

Até mesmo a Base Nacional Comum Curricular (Brasil, 2018), documento tão amplamente divulgado, lido e acatado, escolhe usar de termos que desprofissionalizam nossa prática. Somos os professores “generalistas”, aqueles que conhecem um pouco de tudo e muito de nada? Como se não houvesse nenhum conhecimento detido por nós. Como se não houvesse uma “competência própria de especialistas da infância”, como se alfabetizar não exigisse especificidades, como se para dar conta dos fundamentos de tantas ciências não fosse necessário estudo constante e aprofundado (Gerhardt; Santaiana, 2023). Como se Pedagogia não fosse ciência, criteriosa, séria e essencial.

Percebo como as práticas que envolvem educação são geralmente compreendidas em dois extremos, ora como “uma missão”, que envolve o professor “numa aura de vocação e sacerdócio”, como se já nascesse com o dom para fazer aquilo, ora como algo que qualquer um com o mínimo de conhecimento pode fazer, “fora do estabelecimento de ensino qualquer outro profissional pode exercer a docência [...] o único critério parece ser o da competência pessoal” (Ludke; Boing, 2004, p. 1174). Ambas as percepções incorrem em uma desprofissonalização, pois pressupõe que ali não há necessidade de uma formação específica, de dedicação e estudo. Precisamos ocupar os lugares que nos dizem respeito e não deixar que pensem que qualquer um pode fazer o que fazemos.

Por isso, caros(as) colegas, ao se depararem com os termos estranhos da Filosofia, com os conceitos antropológicos, sociológicos, psicológicos, históricos, não se assustem. Não estranhem tantos artigos que lhes serão propostos, tantas pesquisas que terão de fazer. Não pensem que "não foi pra isso" que vocês ingressaram no curso, porque foi para isso sim, somos educadores e a educação é sempre intencional, por isso vocês também tem de ser.

Isso não será fácil, lembrem-se que agora temos mais funções a aprender do que antes. Às vezes vocês irão sentir que não dão conta, às vezes serão tantas demandas que vocês podem começar a pensar em qual matéria vale a pena deixar de investir (ou reprovar). Mas como todos que chegaram até aqui, saibam que é possível. Espero que desenvolvam durante esse trajeto a sensibilidade em perceber como nossa profissão (e tantas outras que envolvem o processo educativo) é envolta por desafios, incertezas e lutas pelo reconhecimento e pela valorização que lhe é devida, mas também pode ser gratificante e bela.

Deixo um último conselho: não comparem sua jornada, mas aprendam tudo que for possível dentro de suas circunstâncias, e sempre procurem maneiras de aprimorar sua ação e sua formação. Desejo que alcancem muito além do que almejaram ao adentrar este lugar Formem-se bons professores, bons pensadores, bons pesquisadores, ocupem seus lugares. Sejam verdadeiramente pedagogos.

Atenciosamente,

Sua colega e veterana.

**Palavras-chave:** pensadores da educação; pedagogia; práxis; formação.

## REFERÊNCIAS

GATTI, Bernardete A. Políticas docentes: a história e a efervescência das últimas décadas. **Textura – Revista de Educação e Letras**, v. 24, n. 59, p. 36-54, jul./set. 2022. Disponível em: http://www.periodicos.ulbra.br/index.php/txra/article/view/7186 . Acesso em: 11 ago. 2025.

GERHARDT, Cláudio; SANTAIANA, Rochele da Silva. Base Nacional Comum Curricular nos anos iniciais do ensino fundamental: representações da docência. **Reflexão e Ação**, Santa Cruz do Sul, v. 31, n. 3, p. 74–88, set./dez. 2023. Disponível em: https://doi.org/10.17058/rea.v31i3.17736 . Acesso em: 2 jun. 2025

LUDKE, Menga; BOING, Luiz Alberto. Caminhos da profissão e da profissionalidade docentes. **Educação & Sociedade**, v. 25, n. 89, p. 1159-1180, set./dez. 2004. Disponível em: https://doi.org/10.1590/S0101-73302004000400005. Acesso em: 15 maio 2025

PIMENTA, Selma Garrido; LIMA, Maria Socorro Lucena. Estágio: diferentes concepções. *In*: PIMENTA, Selma Garrido; LIMA, Maria Socorro Lucena (org.). **Estágio e docência**. 6. ed. São Paulo: Cortez, 2011. p. 33-57.